

A REVISTA MENSAL DE REPORTAGENS,  
TENDÊNCIAS, PERSONAGENS,  
CULTURA, POLÍTICA E ECONOMIA

# Brasileiros

número 68 - março - www.brasileiros.com.br



## SUBVERSIVOS

ACREDITE. **ESTAS CRIANÇAS** FORAM PRESAS  
E BANIDAS DO BRÁSIL. MAIS DE 40 ANOS DEPOIS,  
ELAS CONTAM COMO SOBREVIVERAM.

**HÁ QUEM NÃO TENHA CONSEGUIDO** por LUIZA VILLAMÉA

### BENTO XVI

O VATICANÓLOGO ERIC FRATTINI, EM ENTREVISTA EXCLUSIVA À **Brasileiros**, REVELA OS BASTIDORES DA RENÚNCIA. TAMBÉM PUBLICAMOS TRECHO INÉDITO DO LIVRO **LOS CUERVOS DEL VATICANO**

por LUIZA VILLAMÉA, MARCELO PINHEIRO  
e MARIA TERESA WASSERMANN

### O QUE DIZEM AS MULHERES

- A LEI MARIA DA PENHA EM XEQUE
- COMO PILOTAR UM... AMX (E, OLHE, NÃO É UM CARRO COREANO)
- A ETERNA DESIGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS
- AS PRIMAS QUE CRIARAM O SLOW SHOPPING
- ELAS INVADIRAM O UNIVERSO MASCULINO: UMA É POLICIAL E A OUTRA, TAXISTA





# Quando. meninos são fichados como

# TERRORISTAS



**TERCINA DIAS DE OLIVEIRA**  
Banida do Brasil em junho de 1970, junto com outros 39 presos políticos trocados por um embaixador sequestrado pela guerrilha, a costureira Tercina integrava a VPR, organização clandestina liderada por Carlos Lamarca. Conhecida como Tia, estava com 55 anos quando deixou o País em companhia de quatro crianças, sendo três netos e um filho de criação

**ERNESTO CARLOS NASCIMENTO**  
Chamado de Chezinho por conta do argentino Ernesto Che Guevara, o neto mais novo de Tercina tinha 2 anos e 3 meses quando posou para esta foto, pouco antes de decolar para o exílio. Seus pais, Jovelina e Manoel, continuaram presos em São Paulo. Lamarca deixou para ele um punhal dourado

**ZULEIDE APARECIDA DO NASCIMENTO**  
Tinha 4 anos e 10 meses quando foi banida do Brasil. Na fotografia, está no colo do ex-sargento Darcy Rodrigues, que ela conhecia da área de treinamento de guerrilha no Vale do Ribeira (SP). Com a avó, Luis Carlos e Samuel, Zuleide morou na casa de pau-a-pique que servia de fachada para a guerrilha

**LUIS CARLOS MAX DO NASCIMENTO**  
Irmão de Zuleide, Luis Carlos estava com 6 anos e 7 meses na ocasião em que saiu do País classificado como subversivo. Demorou 42 anos para reencontrar a mãe, Maria, que se separara de um filho de criação de Tercina e, doente, deixara Zuleide e Luis Carlos aos cuidados da avó paterna

**SAMUEL DIAS DE OLIVEIRA**  
Filho de criação de Tercina, fez o papel de neto na família fictícia instalada na entrada da área de treinamento de guerrilha. Tinha quase 9 anos quando foi banido e, sem documentos, ganhou o sobrenome de Tercina. Só conseguiu regularizar seus papéis em 1982. Agora, assina Samuel Ferreira

REPRODUÇÃO: LUIZA VILLAMÉA/FUNDO DEOPS/ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Presos com a avó e os pais, os brasileiros Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel conheceram os cárceres do regime militar, foram enquadrados como subversivos e banidos do País. O mais novo tinha 2 anos e 3 meses. O mais velho estava para completar 9 anos. A saga das quatro crianças é a primeira reportagem da série *Filhos do Brasil*, que a **Brasileiros** começa a apresentar nesta edição

por LUIZA VILLAMÉA



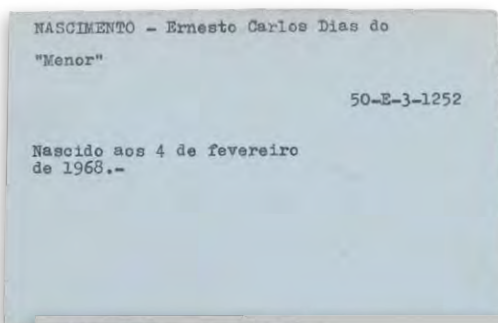
## PARA BANIR OS MENINOS, O REGIME MILITAR OS

**A** ficha de Ernesto Carlos Nascimento nos arquivos do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops), em São Paulo, não deixa dúvidas: o “elemento” é subversivo. Informações detalhadas sobre suas ações terroristas podem ser obtidas nas pastas 30Z-160-9633 e 30Z-160-9636. Junto com Zuleide, Luis Carlos e Samuel, Ernesto foi banido do País por decreto do general-presidente Emílio Garrastazu Médici, em junho de 1970. O decreto teve como base o Ato Institucional

número 13, que permitia “banir do território nacional o brasileiro que, comprovadamente, se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional”. Ocorre que Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel são as quatro crianças da fotografia da página anterior, tirada na Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro, minutos antes de serem embarcadas em um Boeing 707 da Varig rumo a Argel, capital da Argélia. Ernesto, o mais novo, tinha apenas 2 anos e 3 meses. Samuel, o mais velho, completaria 9 anos dali a quatro meses. Os 40 adultos que aparecem na imagem são presos

políticos do regime militar instaurado no País entre 1964 e 1985, que deixou pelo menos 357 mortos e desaparecidos, além de tratar meninos como terroristas. Na fotografia, a pessoa mais conhecida é o jornalista Fernando Gabeira, que está de camisa branca, ao lado de Samuel. Para as crianças, quem mais importava era a avó, a costureira Tercina Dias de Oliveira.

Tercina, a senhora de óculos da fotografia, marcou época na resistência à ditadura militar. Semianalfabeta, ela era simpatizante do Partido Comunista do Brasil desde meados dos anos 1940. Nascida em Barreiros



*“Tenho esse vazio na vida. Ninguém sabe o que aconteceu comigo naqueles dias. SEI QUE VI MEU PAI NA TORTURA, MAS EU ERA MUITO PEQUENO”*

Ernesto Carlos Nascimento

(PE), casou-se pela primeira vez aos 14 anos, pressionada pela família. Seis meses depois, ficou viúva. Mais três casamentos e mais três vezes viúva, Tercina morava em Osasco (SP) quando um de seus filhos, Manoel Dias do Nascimento, começou a trabalhar ainda adolescente como operário. Incentivado pela mãe, Manoel também passou a atuar no sindicato dos metalúrgicos. Pouco depois, casou-se com a operária Jovelina Tonello. Em 1968, ele estava na linha de frente de uma greve que estremeceu Osasco e provocou pesada reação dos militares. Reprimido o movimento, Manoel não teve outra alternativa a não ser sair de circulação.

REPRODUÇÃO: LUIZA VILLAMÉA/FUNDO DEOPS/ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

## ENQUADROU COMO “PERIGOSOS À SEGURANÇA NACIONAL”



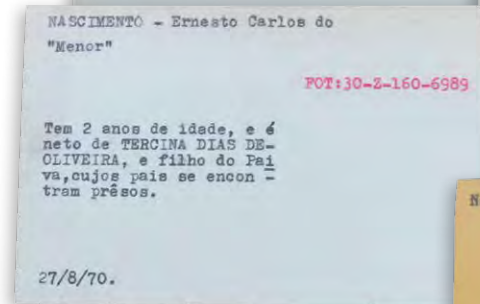
Na clandestinidade, aderiu à organização de luta armada Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Mãe de quatro filhos legítimos e dois de criação, Tercina não demorou a seguir os passos de Manoel. Ao entrar para a VPR, levou as três crianças que viviam com ela – Zuleide, Luis Carlos e Samuel. Na ocasião, o capitão do Exército Carlos Lamarca, que desertara do 4º Regimento de Infantaria para incorporar-se à VPR, estava montando um centro de treinamento de guerrilha em uma área de mata fechada, incrustada na Serra do Azeite, no Vale do Ribeira, no sul do Estado de São Paulo. Mais velha que a maioria dos guerrilheiros, Tercina logo começou a ser chamada de Tia, e foi uma das primeiras pessoas a serem deslocadas para o Vale do Ribeira. “O Lamarca adorava a Tia. Eles tinham uma relação de mãe e filho”, lembra o ex-sargento Darcy Rodrigues, que deixou o Exército junto com Lamarca e coordenou uma das bases da área de treinamento.

No Vale do Ribeira, Tercina tinha dupla função. Com as crianças e o sapateiro José Lavecchia, formava uma família de fachada, instalada em uma casa de pau-a-pique na entrada da área de treinamento. “Se aparecesse algum estranho, eu tinha de correr até a casa de cima e puxar a cordinha que fazia subir um pano branco”, conta Samuel, que era filho adotivo de Tercina, mas fazia as vezes de neto na família de fachada. A casa de cima à qual Samuel se refere era uma construção camuflada na mata que servia como depósito de mantimentos e munição. Bem perto, havia uma cachoeira. Na casa, tinha até uma geladeira movida a gás, onde ficavam guardados medicamentos e soro antifóidico.

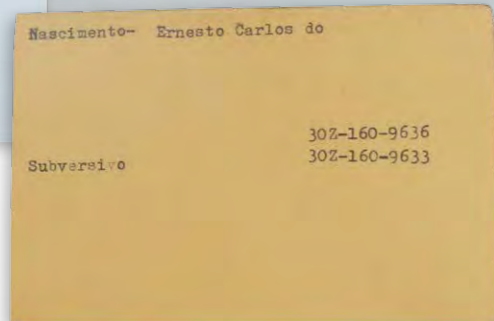
A outra função de Tercina era fabricar os uniformes usados nos treinamentos,

FOTO: LUIZA SIGUEM



### “ELEMENTO SUBVERSIVO”

Fichas do Deops que remetem às pastas com informações sobre Ernesto. Em uma delas, aparece o codinome Paiva, adotado à época pelo pai do garoto





## NO VALE DO RIBEIRA, CRIANÇAS SERVIRAM DE

em uma oficina montada na mesma casa que servia como depósito. Para que as costuras resistissem à umidade da Mata Atlântica, ela usava sempre fios de nylon. As roupas eram similares às do Exército. “Mas tinham bolsos maiores, com prega macho-fêmea, que estufa e aumenta o volume”, diz o ex-sargento Darcy. “Nos bonés, de couro, ela pregava uma proteção para a nuca, que nem o Lamarca tinha visto quando serviu no Oriente Médio.” A diferença é que no Canal de Suez, onde Lamarca integrou as tropas de Paz da ONU em 1962, os soldados usavam o boné com protetor de pescoço para barrar a entrada de areia e evitar queimaduras de sol. Na mata, a ideia era poupar a nuca dos guerrilheiros das picadas de inseto.

Com pouca noção do que se passava no entorno, Zuleide, Luis Carlos e Samuel tinham na área de treinamento uma rotina de criança que não frequentava escola nem convive com outros garotos. Brincavam nas proximidades da casa de pau-a-pique, pegavam frutas no pé, tomavam banho de rio e lidavam com os muitos animais que Tercina levou para o sítio. Lá, havia criação de porcos e galinhas, mas Zuleide se lembra em especial de um gatinho e do pé de laranja-lima próximo à porta da cozinha. “Tinha também o meu avô, que me punha nos ombros e andava comigo para baixo e para cima”, conta Zuleide, hoje secretária em um escritório de advocacia em São Paulo. Como ela, Samuel tem ótimas lembranças do “avô” Lavecchia, o senhor de cabelos brancos e camisa listrada bem no meio da fotografia dos presos políticos na abertura desta reportagem. “Ele me ensinou a andar a cavalo, a pegar pato, a fazer estilingue. Era muito bacana”, diz Samuel, que atualmente trabalha como operador de empilhadeira em São João de Meriti (RJ).



FOTO: LUIZA SIGUEM

## FACHADA PARA UMA ÁREA DE TREINAMENTO DA GUERRILHA

Na cidade vizinha de Duque de Caxias vive Luis Carlos, que é encaixador industrial, e também não se esquece dos tempos do Vale do Ribeira. Analisando em retrospectiva, Luis Carlos acredita que tanto ele quanto Zuleide e Samuel sabiam que participavam de uma situação excepcional, mesmo sem ter consciência do contexto político. “A gente tinha noção do que podia falar, do que não podia. Sabia que não podia olhar pela janela quando transitava de um aparelho para outro”, diz, referindo-se às casas clandestinas usadas pelas organizações de luta armada. Filhos de um filho adoti-

guerrilheiros não frequentavam a casa de Tercina. Em geral, ficavam em duas bases rústicas montadas no meio da mata e às quais as crianças jamais tiveram acesso. Zuleide se recorda apenas de uma ocasião em que um dos guerrilheiros, Ariston Lucena, apareceu para se tratar de um corte de facção na perna. Nos meses em que moraram no Vale do Ribeira, Zuleide, Luis Carlos e Samuel também não se encontraram com Ernesto, que era chamado de Chazinho, em alusão ao líder guerrilheiro Ernesto Che Guevara. Neto de Tercina, filho de Jovelina e Manoel, aquele que esteve à frente da greve de Osas-

da manhã, para chegar no máximo às 5h30 no litoral. Imaginávamos que seria tranquilo”, diz Espinosa. Ele assumiu o volante de uma Rural Willys verde, simulando formar um casal com a integrante da VPR Ana Matilde Tenório da Motta, que ocupava o banco dianteiro de passageiro. Atrás, um outro casal – Lamarca e Jovelina Tonello, com o filho Ernesto no colo. Sem nenhum problema, eles passaram pelo pedágio e desceram a serra pela Rodovia Anchieta. A estrada estava vazia. Em seguida, pegaram a Rodovia Pedro Taques, que tinha pista única, com duas faixas e acostamento irregular. O dia não tinha amanhecido. De repente, depois de uma curva fechada, viram uma porção de luzes e viaturas estacionadas. Espinosa gelou. Conhecía a área dos tempos em que servira Exército e tivera de acampar à beira da Pedro Taques. Sabia que estava em uma região de lamaçal, difícil de escapar.

Jovelina, a mãe de Ernesto, não disse nenhuma palavra: “Só continuei a segurar o meu filho, enquanto jogavam luz de lanterna na cara de cada um de nós”. Espinosa desceu da Rural, enquanto um tenente examinava os documentos do carro, que estavam em nome de Eduardo Collen Leite, o Bacuri, também procurado pela repressão. Tentando aparentar tranquilidade, Espinosa disse que emprestara o carro de um amigo para deixar no litoral o tio doente, com problemas no pulmão. Explicou que o tio estava acompanhado pela mulher e pelo filho. Com jeitinho, falou da inconveniência de ser parado no meio da estrada. “É para a segurança de vocês mesmos, proteção contra bandidos e terroristas”, respondeu o tenente.

Ninguém sabe precisar quanto tempo durou a conversa entre Espinosa e o tenente. O fato é que pareceu uma eternidade. Todos imaginavam que,

“Lembro do Lamarca chegando da mata. **ELÊ SENTAVA NO CHÃO DA COZINHA E TIRAVA AS BOTAS. Gostava de brincar com a minha avó**”

Zuleide Aparecida do Nascimento



vo de Tercina, Luis Carlos e Zuleide eram criados pela avó paterna desde muito pequenos, quando os pais se separaram. Ambos se recordam de uma cena que se repetiu na área de treinamento e revela uma faceta jocosa, pouco conhecida de Carlos Lamarca. Depois de muitos dias na mata, o líder da VPR às vezes aparecia na casa de pau-a-pique, sentava no chão da cozinha, tirava as botas fedidas e provocava Tercina:

– Ei, Tia, quer toucinho para o seu feijão?

Com exceção de Lamarca e de sua companheira Iara Iavelberg, que passou uma temporada no Vale do Ribeira, os

co, Ernesto passou por diferentes aparelhos no período. Antes, quando não tinha nem 2 anos, também serviu de fachada para Lamarca.

Com a fotografia estampada em cartazes de terroristas procurados, Lamarca ainda não tinha feito a plástica que alterou de leve sua fisionomia. Precisava se deslocar de São Paulo para a cidade litorânea de Mongaguá, onde aconteceria um congresso clandestino da VPR. “O bebê fez parte do plano para levar Lamarca em segurança”, conta Antonio Roberto Espinosa, que integrava o comando da organização e também estava nos cartazes de procurados.

“Saímos de São Paulo às 4 horas



## OS MENINOS FORAM PRESOS PELO CAPITÃO

durante uma possível blitz, a presença de uma criança no carro representaria dispensa rápida. “Eu tinha tirado um revólver do porta-luvas e escondido na cintura. Estava usando um pulôver fino, não sei como o tenente não notou”, afirma Ana Matilde ao lembrar o episódio. Durante a blitz, Jovelina percebeu quando Lamarca passou o braço por detrás do banco e engatilhou uma arma. Era uma metralhadora Ina 45. A mãe de Ernesto achou que todo mundo iria morrer. A sensação aumentou quando pediram para abrir o porta-malas. Espinosa, porém, tratou de mostrar que eram apenas cobertores, levantando ele mesmo alguns deles, sem deixar à mostra o armamento que havia debaixo.

“No final, o tenente nos liberou. Andei um quilômetro, no máximo. Veio uma curva. Depois, uma reta. Tive uma taquicardia”, relata Espinosa. “Nós nunca conversamos entre nós sobre isso. Só o Lamarca reclamou. Ficou puto de eu apresentá-lo como um tio doente.” Com Jovelina, o líder da VPR foi mais efusivo: “Lá na casa, Lamarca levantou o Ernesto para o alto e disse: ‘Esse menino salvou a minha vida. Não deixe ele sofrer nunca’”. Mais tarde, deu um punhal dourado para a família entregar a Ernesto quando o garoto crescesse.

O punhal dourado estava em um aparelho do bairro de Vila Formosa, em São Paulo, quando uma equipe da temida Operação Bandeirantes (Oban) chegou para prender Jovelina na tarde da segunda-feira 18 de maio de 1970. Horas antes, seu marido Manoel havia sido capturado ao cobrir um ponto, como eram chamados os encontros clandestinos entre integrantes dos grupos de resistência ao regime militar. No bolso, Manoel tinha uma multa de trânsito, com o endereço de Vila Formosa. Ainda naquela segunda-feira, a família se reencontrou na sede da Oban, que

havia sido instalada na rua Tutoia, na Vila Mariana, como lembra Jovelina:

– Trouxeram o Manoel com as mãos amarradas, arrastando o corpo pelo chão, apoiado nos cotovelos. O Ernesto desceu do meu colo, ficou passando a mão no rosto do Manoel e repetindo: “Não bate no meu paizinho”.

Levada em seguida para uma cela da Oban, Jovelina perdeu o contato com o filho. Dias depois, já nas dependências do Dops, foi retirada da cela e reunida ao marido em uma sala. Um torturador, que eles não sabem identificar, disse ao casal que não tinha filhos e queria adotar Ernesto. Diante das negativas



*“Minha avó mandou a gente se vestir e não falar nada. A GENTE OBEDECEU. PERCEBI QUE ERA PRISÃO EM SÃO PAULO. Foi quando desabei”*

Luis Carlos Max do Nascimento

do casal, o torturador comentou que eles ficariam sem alternativa, pois até Tercina, a mãe de Manoel, estava presa. De fato, um mês antes de Jovelina, Tercina e seus três netos haviam caído nas garras da Oban.

Eles já não estavam mais no Vale do Ribeira quando os homens da Oban chegaram. Uma série de prisões em São Paulo havia colocado a segurança da área em risco. Convencido de que, mais dia menos dia, a repressão arrancaria na tortura informações sobre o local, Lamarca decidiu acabar com o esquema de fachada. Incorporou Lavecchia, que fazia o papel de avô, às bases de treinamento na mata. Ao

mesmo tempo, transferiu Tercina e as crianças para a cidade de Peruíbe, no litoral paulista. No começo, eles moraram em uma pensão chamada Samburá. Depois, a própria Tercina alugou uma casa de dois quartos na cidade, na qual chegou a hospedar Lamarca e Iara, que lá se reuniram com outros integrantes da VPR.

Uma madrugada, ela acordou com batidas na janela. Era Maria do Carmo Brito, do comando da VPR, que havia sido presa dois dias antes no Rio de Janeiro. Junto com Maria do Carmo, estava uma equipe da Oban chefiada pelo capitão Mauricio Lopes Lima, o

mesmo que décadas depois seria reconhecido como um dos torturadores da presidenta Dilma Rousseff. Luis Carlos demorou para se dar conta do que estava acontecendo: “Minha avó mandou a gente se vestir e não falar nada. A gente era bem disciplinado, obedeceu. Percebi que era prisão em São Paulo. Foi quando desabei. Agarrei nela, mas eles me arrebatarem e arrastaram a minha avó.”

Em seguida, as três crianças foram levadas para um casarão, onde só tiveram contato com uma mulher. “Era um casarão de luxo, com móveis antigos. A senhora não tratou mal a gente, mas era seca, não tinha costume de lidar

## MAURICIO, UM DOS TORTURADORES DE DILMA ROUSSEFF



com criança. E a gente tinha de ficar o tempo todo no quarto, não podia andar pela casa”, diz Luis Carlos. Samuel se lembra de que eles foram levados para esse casarão de madrugada. Depois de dois ou três dias, as crianças foram separadas. Com 4 e 6 anos de idade, Zuleide e Luis Carlos foram levados para o que acreditam ser dependências do Juizado de Menores. “Eu tinha o cabelo comprido. Lembro quando fizeram uma trança e cortaram o meu cabelo. Também tiraram meu brinco de ouro, mas não me lembro de ter apanhado. O Samuel, coitado, apanhou que nem gente grande. Como ele era mais velho, tinha quase 9 anos, colocaram junto com infratores”, diz Zuleide.

Como Zuleide e Luis Carlos, Samuel não sabe exatamente onde ficou: “Era uma espécie de reformatório, para menores com problemas. Só tinha pessoas más. Batiam muito. Para não deixar marcas, batiam na sola dos pés, com pedaços de madeira. Tentei fugir duas vezes, mas não consegui.” Ernesto, o mais novo dos quatro, não se lembra de nada desse período: “Tenho esse vazio na minha vida. Um trauma. Ninguém sabe direito o que aconteceu comigo naqueles dias. Sei que vi meu pai na tortura, mas eu era muito pequeno. Tinha 2 anos”. Em algum momento, ele foi levado para o mesmo lugar que Zuleide e Luis Carlos. Estavam juntos quando um comando guerrilheiro sequestrou no Rio o embaixador da Alemanha no Brasil, Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben.

A Seleção Brasileira de futebol disputava as quartas de final da Copa do Mundo de 1970, quando o governo Médici aceitou trocar o embaixador alemão por 40 presos políticos. Pela negociação, assim que os brasileiros desembarcassem na Argélia, o embaixador seria liberado no Rio. O nome de Tercina constava da relação de presos a

FOTO: LUIZA SIGUEM

REPRODUÇÃO LUIZA VILAMÉIA/FUNDO DEOPS/ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO



## O DOPS COLOCOU AS CRIANÇAS NA LISTA DE

serem trocados pelo embaixador, com direito a sair acompanhada pelos três netos que estavam em sua companhia no momento da prisão. Determinada como poucos, Tercina bateu o pé. Disse que só sairia do Brasil se fosse com os quatro netos. “Teve até companheiro tentando convencê-la a sair só com os três, pois ela estava atrasando as negociações. Havia o temor de que descobrissem o cativo do embaixador”, conta Jovelina, que se encontrava presa no Dops e também fez suas exigências: “Falei que só assinava a autorização para Ernesto sair do Brasil se eu visse o meu filho. Desde a prisão, um mês antes, eu não sabia dele.” Ficou chocada quando levaram o menino ao seu encontro. De esperto e falante, Ernesto havia se tornado um garoto retraído e calado, avesso ao contato com a própria mãe.

E foi assim, ainda com jeito de bebê, que Ernesto entrou para a lista de “elementos subversivos solicitados para resgate” que o delegado Alfeu Forte, do Dops, entregou para o coronel Erar Campos Vasconcelos, chefe da 2ª Seção do II Exército, em 15 de junho de 1970. No dia seguinte, acompanhado por Tercina, Zuleide, Samuel, Luis Carlos e outros oito presos políticos encarcerados em São Paulo, Ernesto foi entregue a um tenente-coronel e a um major, piloto e copiloto do avião bimotor C47-Douglas, prefixo 2056, da Força Aérea Brasileira, que voou para o Rio. Na Base Aérea do Galeão, o grupo se reuniu a outros 31 presos políticos e, depois de posar para a fotografia que entrou para a história recente do Brasil, embarcou para a Argélia.

Um mês depois, Tercina exilou-se com os quatro netos em Cuba. Ernesto continuou calado e arredio por muito tempo. Se aparecia alguma pessoa estranha em sua casa, corria e se escondia debaixo da cama. Mordia

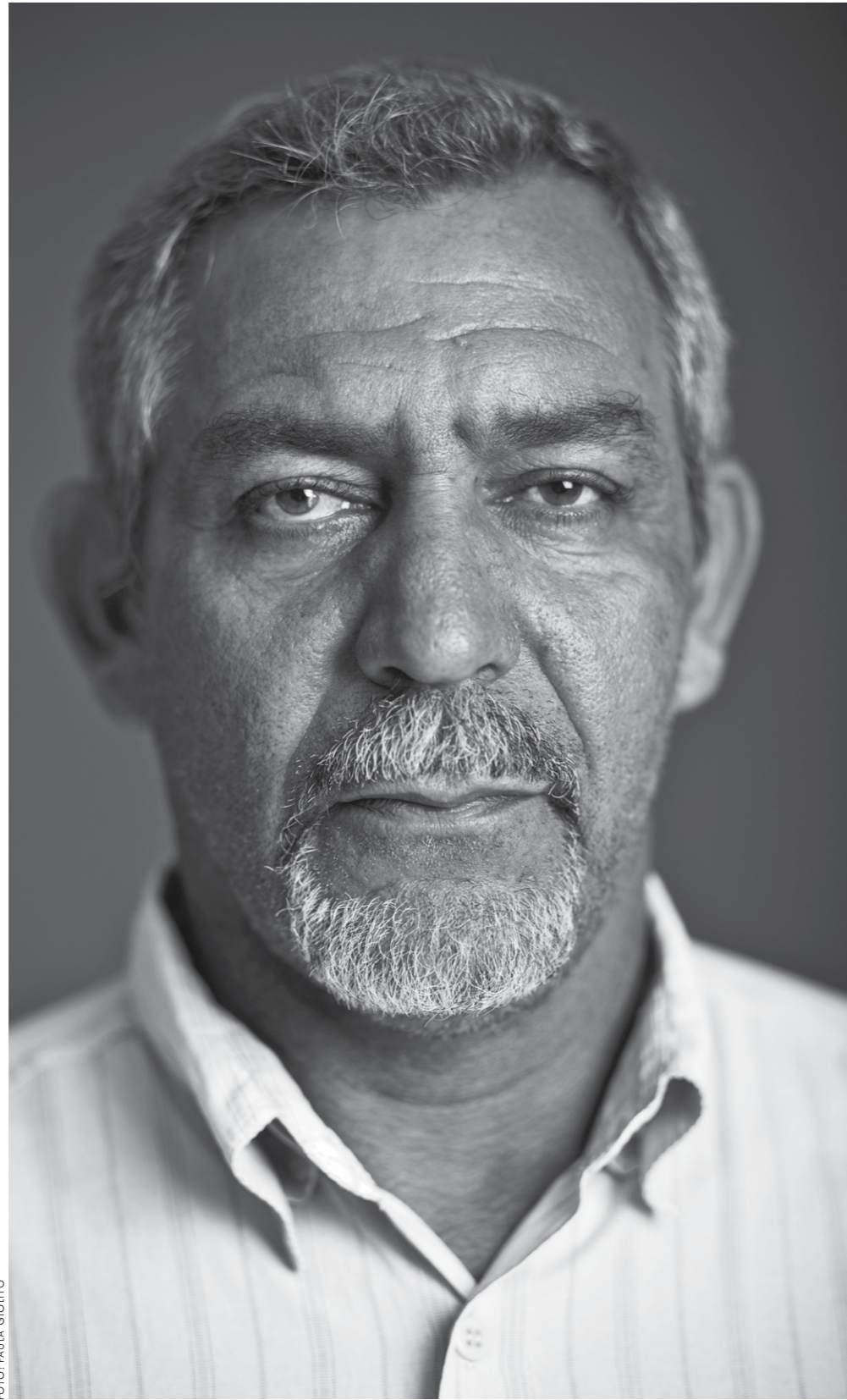


FOTO: PAULA GIOIUTO

## “ELEMENTOS SUBVERSIVOS SOLICITADOS PARA RESGATE”

quem tentava pegá-lo. “Eu também tinha pavor de polícia. A Damaris é quem ajudou nisso”, diz, referindo-se a Damaris Lucena, que também estava exilada em Cuba e é mãe de Ariston, o guerrilheiro ferido a facção no Vale do Ribeira. “Ela pediu a um policial que me entregasse um carrinho de plástico. Como os outros guardas de trânsito de Cuba, ele andava em uma Harley-Davidson enorme. Era antiga, mas linda. Ele me deu o carrinho e me colocou na moto. Daí em diante, eu achava que todo policial em cima de uma Harley-Davidson era meu amigo.”

Em Cuba, Tercina e os quatro netos

uma temporada na Baixada Fluminense, pediu à mãe de Samuel para criá-lo. “Foi a minha sorte. Eu ficava o tempo todo na rua ou em um cemitério da vizinhança. Se não fosse minha avó, teria virado traficante, teria morrido. Minha mãe era muito inocente, não sabia de nada que estava acontecendo no Brasil.” Quando voltou de Cuba, em 1982, Samuel procurou a família de sangue e assumiu o sobrenome Ferreira: “Quando a Tercina me levou, eu só era Samuel. Por isso, tinha ficado com o sobrenome dela nos documentos”.

Quatro anos depois, em 1986, assim que os netos terminaram os estudos, Ter-

ciada com a avó desde os 5 meses de idade, não sentiu o mesmo impacto que Luis Carlos. “Perdi minha mãe no dia em que enterrei minha avó”, afirma, referindo-se a Tercina, que morreu de câncer aos 88 anos, em março de 2003.

Até completar 18 anos, Ernesto morou a maior parte da vida com a avó. Só no ano passado conseguiu validar o diploma de técnico em projetos mecânicos e ferramentas tirado em Cuba, no decorrer de uma ação impetrada junto à Comissão de Anistia do governo federal. Como os irmãos, para conseguir trabalho, muitas vezes precisou omitir do currículo que tinha vivido e estudado na ilha. Hoje, é consultor na área de Tecnologia Industrial e de Informação. Seus pais, Jovelina e Manoel, foram banidos do Brasil em janeiro de 1971. Passaram pelo Chile, fizeram treinamento de guerrilha na Coreia do Norte, e também moraram em Cuba. Na volta ao Brasil, o casal se separou. Manoel continua sindicalista atuante em Cotia, na Grande São Paulo. Jovelina aposentou-se como enfermeira, mas ainda pratica uma técnica de massagem conhecida como acupuntura coreana das mãos em Guarulhos, também na Grande São Paulo.

Quanto ao punhal dourado que Lamarca deu de presente a Ernesto, o paradeiro é incerto. Jovelina já tinha se esquecido do documento, mas a reportagem da **Brasileiros** localizou nos arquivos do Deops uma petição feita por ela ao diretor do Presídio Tiradentes, Olyntho Denardi, no dia 7 de julho de 1970. Com ousadia surpreendente para uma presa política, então sem perspectiva de deixar a cadeia, Jovelina pedia a devolução de 47 objetos retirados pelos homens da Oban de sua casa na Vila Formosa. Entre eles estava o punhal dourado. Passadas mais de quatro décadas, ela continua sem nenhuma resposta. |

*“Em São Paulo, fiquei numa espécie de reformatório. BATIAM MUITO. BATIAM NA SOLA DOS PÉS, COM PEDAÇOS DE MADEIRA”*

Samuel Ferreira



dividiram por muitos anos uma casa com Damaris, que também estava na ilha com quatro crianças. Samuel, já com 9 anos, foi pela primeira vez à escola. Como os outros meninos, completou um curso profissionalizante. “Eu queria ser piloto de caça, mas não deixaram. Era uma carreira que só os cubanos podiam seguir”, diz. Ainda assim, ele acredita que ficou no lucro. Nascido no bairro do Éden, em São João de Meriti, Samuel vivia em situação de risco. Morava com a mãe e as irmãs, que trabalhavam fora e precisavam deixá-lo sozinho o dia inteiro. Sensibilizada com a situação do garoto, Tercina, que antes de se radicar em Osasco passara

cina voltou ao País com Zuleide, Luis Carlos e Ernesto. Os dois mais velhos também tentaram então reencontrar a mãe biológica. A busca demorou, mas foi muito importante para Luis Carlos: “Eu adorava minha avó, mas precisava conhecer minhas raízes. Como meu pai também era filho de criação de Tercina, minhas raízes de verdade estavam com a minha mãe. Só sabia que ela se chamava Maria e que estava doente quando se separou do meu pai”. Em 2007, depois de 42 anos de separação, Luis Carlos reencontrou a mãe em São Vicente, no litoral paulista. Zuleide estava presente, também se emocionou com o reencontro, mas,

REPRODUÇÃO: LUIZA VILLAMÉA/FUNDO DEOPS/ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

# As marcas da tortura não DESAPARECEM jamais

Com apenas 1 ano e 8 meses Carlos Alexandre Azevedo sofreu na pele a violência do regime militar. Cacá cresceu arredio ao contato com outras pessoas. Mesmo submetido a sucessivos tratamentos médicos, não conseguiu superar um transtorno diagnosticado como fobia social.

Aos 37 anos, sentiu-se confortado quando a Comissão de Anistia, do Ministério da Justiça, reconheceu o seu drama. Não foi, porém, o suficiente para continuar a viver

por LUIZA VILLAMÉA

**P**or acreditar em um Brasil “justo e fraterno”, o jornalista e cientista político Dermi Azevedo lançou na quarta-feira 6 de fevereiro o livro *Travessias Torturadas – Direitos Humanos e Ditadura no Brasil*. No encontro que reuniu amigos e militantes de movimentos sociais na Livraria Fox, em Belém (PA), onde mora atualmente, Dermi chegou a comentar que não tinha nenhum interesse comercial na obra: “É um livro a ser distribuído, para mostrar o prejuízo impagável provocado pela ditadura nos valores, na realidade subjetiva”. Dez dias depois, a sucessão de traumas que levaram Dermi a escrever e reescrever por anos a fio *Travessias Torturadas* teve um desfecho trágico:

Carlos Alexandre Azevedo, seu filho mais velho, se matou aos 39 anos, com uma overdose de medicamentos.

Carlos era chamado pela família de Cacá e tinha apenas 1 ano e 8 meses quando uma equipe do Dops, a temida polícia política do regime militar, chegou à casa da família, no Jardim da Saúde, em São Paulo, na manhã de 15 de janeiro de 1974. O bebê estava sozinho com a babá. O pai, Dermi, havia sido preso na véspera, acusado de “difamar o Estado brasileiro”. A mãe, a pedagoga Darcy Andozia, tinha saído de casa muito cedo, em busca de ajuda para o marido. Não satisfeitos com o resultado da busca que haviam feito na residência na noite anterior, os homens do Dops haviam voltado para repetir a dose. Mandaram Carlos e a

babá ficarem calados e quietos. O bebê não obedeceu. Levou um soco que fez sangrar sua boca.

Com os lábios cortados, foi levado para a sede do Dops, um prédio de tijolos à vista no centro paulistano, conhecido na época como palco de infindáveis sessões de tortura. No total, a criança passou cerca de 15 horas em poder das forças de repressão. “Como alguém pode considerar um bebê subversivo, perigoso, inimigo do governo? Pelos relatos que recebemos, ele levou até choques elétricos”, indigna-se Dermi. No decorrer daquele dia, a mãe de Carlos também acabou presa. Mais tarde, o bebê foi entregue aos avós maternos, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. Na verdade, em vez de entregue, ele



LAÇOS DE FAMÍLIA Carlos, aos 3 anos, com a mãe, Darcy, e o pai, Dermi

foi jogado no chão. Acabou com um machucado a mais na cabeça. “Isso me foi contado. O certo é que ele ficou apavorado. E esse pavor tomou conta dele. Entendo que a morte dele foi o limite da angústia.”

Enquanto os pais estavam encarcerados no Dops, Carlos continuou sob os cuidados dos avós. Embora tenha passado por intensa pressão psicológica, sua mãe não sofreu agressões físicas. Saiu da cadeia depois de 45 dias. Sobrevivente da tortura, Dermi esperou cinco meses para ser liberado. À época da prisão, ele era repórter do jornal *Última Hora*. Participava de uma rede de apoio a perseguidos políticos, mas a atividade que desencadeou a violência da repressão contra a sua família havia sido preparada

“Como alguém pode  
**CONSIDERAR UM BEBÊ  
SUBVERSIVO, PERIGOSO,  
inimigo do governo?**”

Dermi Azevedo, jornalista e cientista político

para o Conselho Mundial de Igrejas, uma conceituada organização ecumênica com sede em Genebra, na Suíça.

Em contato com a educadora Maria Nilde Mascellani (1931-1999), que criara a entidade de assessoria educacional Renov, o Conselho Mundial de Igrejas pediu uma compilação de livros didáticos adotados no Brasil a mando dos generais. “Passei meses pesquisando e redigindo a síntese,

que recebeu o título *Educação Moral e Cívica e a Escalada do Fascismo no Brasil*”, lembra Dermi. O trabalho não chegou a ser publicado, mas a descoberta dos originais durante uma batida policial na sede do Renov foi o suficiente para dar início ao ciclo que instalou o terror na família de Dermi.

Carlos estava com 10 anos e tinha três irmãos mais novos quando os pais começaram a contar-lhe o que havia acontecido em janeiro de 1974. Àquela altura, ele manifestava há tempos extrema dificuldade de relacionamento, em um quadro diagnosticado mais tarde como fobia social. Dos 13 aos 20 anos, raras vezes conseguiu sair de casa. Mais tarde, revelou grande habilidade para lidar com computadores. Com a internet e a proliferação das redes sociais, chegou a fazer amigos virtuais. Mas, mesmo sob tratamento médico, jamais conseguiu manter por muito tempo uma atividade profissional que envolvesse lidar com pessoas.

Em janeiro de 2010, Carlos sentiu um certo alento com o julgamento de seu processo de anistia no Ministério da Justiça, que culminou com um pedido de desculpas do Estado pelos males que sofrera. Na condição de

anistiado político, recebeu uma indenização de R\$ 100 mil. Gastou parte do dinheiro para reparar o maxilar socado pelos homens do Dops em janeiro de 1974. Embora costumasse repetir que nunca conseguiria se recuperar do trauma da infância, não há dúvida de

que tentou. Seis dias antes de morrer, ele fez uma longa caminhada por uma das maiores florestas urbanas do mundo, na Serra da Cantareira, na zona norte de São Paulo. Completou a trilha da Pedra Grande, que dá uma vista espetacular para a capital paulista, e depois postou no Facebook: “O lugar vale muito a pena visitar, para uma caminhada e depois relaxar no mirante, vendo a cidade.” **I**